

# Encomenda especial

Oscar D'Ambrosio ●

Alexandre Lunsqui está trabalhando numa encomenda para a Orquestra Filarmônica de Nova York. A composição do professor do Instituto de Artes da Unesp, a ser entregue em novembro, fará parte de uma série de música contemporânea, que será apresentada por uma orquestra de câmara sob a regência do diretor musical Alan Gilbert.

É mais um passo internacional na carreira de um criador cuja paixão pela música tem origem na mescla fascinante de uma família com um pé na Itália e outro, na Lituânia. Com uma avó cantora amadora e um pai amante da música, Lunsqui começou a ter aulas de piano aos 5 anos.

Da capital paulista, ele se mudou com a família para São José dos Campos (SP), onde estudou num conservatório local. Na hora de escolher uma carreira, a primeira opção foi Engenharia na Unicamp, em Campinas, mas logo depois começou a ter aulas de piano com um professor fã de jazz.

No ano seguinte, Lunsqui optou por fazer o curso de Música na mesma universidade, deixando a Engenharia para trás. O jazz, para o jovem que teve uma orientação de música clássica, era uma libertação. Via a possibilidade do improviso sobre um tema como algo mais criativo e visceral,

enquanto as peças clássicas, como as de Beethoven, o limitavam e lhe davam apenas a alternativa de ser intérprete.

Como aluno do Instituto de Artes da Unicamp, Lunsqui teve acesso ao Centro de Documentação de Música Contemporânea (CDMC), trazido da França pelo compositor José Augusto Mannis, que trabalhou por mais dez anos em Paris. Assim tomou contato com uma série de novidades.

Uma delas foi a Música Espectral. Surgida no final do século 20 e conhecida pelo trabalho dos compositores franceses Gérard Grisey, Tristan Murail, Hughes Dufourt e Michaël Levinas, entre outros, este tipo de música caracteriza-se pela exploração e decomposição do som graças a ferramentas informático-musicais que surgiam na época. Investigava a música eletrônica e os espectrogramas, ou seja, a análise da identidade do som.

Lunsqui, ao ter acesso a esse material, ficou fascinado. Passava diariamente horas no CDMC escutando o material e lendo as partituras. O contato com esse tipo de música que investiga, cria e descobre novos horizontes o fez esquecer um pouco do jazz e se ocupar com as dimensões dessa nova vertente. Para se sustentar, trabalhava com jazz na noite de Campinas.

Após se graduar, o jovem músico ficou um pouco sem direção na carreira. Depois de cinco anos de formado, teve a oportunidade de estudar nos Estados Unidos, na Universidade de Iowa, por intermédio do professor da Unicamp Rafael dos Santos, que recomendou que ele fizesse ali um mestrado em composição. Na sequência, fez o doutorado na Universidade Columbia, em Nova York. Teve assim a oportunidade de conhecer pessoalmente alguns dos mestres do espectralismo.

A aproximação com a Unesp aconteceu por causa de suas composições. Algumas de suas obras já haviam sido tocadas no Instituto de Artes, ainda na sede antiga no bairro do Ipiranga, em São Paulo. Quando surgiu uma vaga de professor em Composição e Harmonia no Departamento de Harmonia, prestou concurso e foi aprovado.

Lunsqui pensa que um professor de

composição tem que, de fato, sempre realizar novas peças e buscar que sejam interpretadas. Para ele, não existe uma cartilha ou metodologia que ensine alguém a compor. O importante é despertar nos alunos uma paixão que lhes permita desenvolver com intensidade aquilo que mais lhes interessa.

Segundo ele, cabe à universidade levar as informações ao aluno, passando inclusive uma visão criativa contemporânea, despertando o jovem para esse universo. Isso não significa, no entanto, excluir Bach, Beethoven ou outros gênios do passado, mas sim mostrar como todas essas composições de alguma forma estão interligadas.

Em relação ao processo de criação, Lunsqui conta que varia muito em cada composição e não acredita em metodologias matemáticas ou fórmulas para fazer profissionalmente algum tipo de música.

Não gosta muito do serialismo, método de composição no qual se utiliza uma ou várias séries como forma de organizar o material musical, mas cria regras dentro

---

**Em novembro, a Filarmônica de Nova York receberá uma composição inédita, para orquestra de câmara, de autoria de Alexandre Lunsqui**

---

de seu universo particular de composição.

Com essa filosofia de trabalho, suas obras têm sido tocadas em importantes festivais de música contemporânea, em países como Alemanha, Argentina, Áustria, China, Finlândia, França, Holanda,

Inglaterra, Luxemburgo, Polônia e Suíça.

Alguns de seus trabalhos mais recentes foram executados por grupos importantes da música contemporânea, como Arditti String Quartet, Ensemble Counter Induction, Due East, Talea Ensemble, Ensemble Aleph, Ensemble Piano Possibile e Argento New Music.

Nesse processo de criação, surgem, para Lunsqui, diversas opções, onde o som está em constante transformação. Embora exista um objetivo, uma direção a seguir, o compositor admite que não busca ter o controle total do que vai acontecer. Qualifica isso como algo muito interessante, pois não possui um método definido, mas um processo que o incentiva a compor.

Resta esperar o que prepara para o material que enviará em breve para a Filarmônica de Nova York.

